

Cláudia Pereira



Bacharel em Sociologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com Pós-Graduação em Antropologia pela Universidade de Brasília (UnB). Em 1981, associou-se a Candango Promoções Artísticas, através da qual produziu, dirigiu, roteirizou e atuou em filmes, peças teatrais e shows musicais. Em 1991, fundou a Gabinete C, agência de propaganda que, há mais de duas décadas, cria campanhas publicitárias premiadas e consolida marcas fortes no mercado.

cpereira@brasiliamdia.com.br

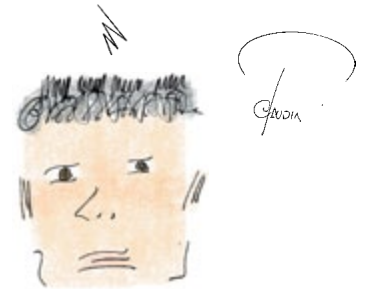
RELEMBRAMOS COM TRISTEZA OS 100 ANOS DA PRIMEIRA GRANDE GUERRA, ENQUANTO ASSISTIMOS AOS ATUAIS CONFLITOS NA UCRÂNIA, NA LÍBIA, NA SÍRIA E NA FAIXA DE GAZA.



OS DILEMAS DO SÉCULO 21 NÃO SÃO MUITO DIFERENTES DAS MOVIMENTAÇÕES DO SÉCULO 20.



BRUNO LATOUR DIZ QUE "(...) A MODERNIZAÇÃO FOI IMPIEDOSA COM OS PRÉ-MODERNOS, MAS O PIOR SÃO OS PÓS-MODERNOS, PARA QUEM NADA TEM VALOR, TUDO É REFLEXO, SIMULACRO, SÍMBOLOS FLUTUANTES".



Fontes: Malcolm Bradbury, in: O mundo moderno; Bruno Latour, in: Jamais fomos modernos.

SÉCULO 21 O mundo contemporâneo está perplexo diante de si mesmo. Poetas, romancistas, pesquisadores e intelectuais pensam, falam e escrevem sobre o mal-estar da humanidade, da sociedade do espetáculo, da era dos excessos, da banalização da vida, dos tempos incertos. Relembramos com tristeza os 100 anos da Primeira Grande Guerra e a morte de 10 milhões de soldados, enquanto assistimos atentos aos atuais conflitos na Ucrânia, na Líbia, na Síria e na Faixa de Gaza. Os dilemas do século 21 não são muito diferentes das movimentações do século 20. Talvez sejam mais graves.

VANGUARDA O mundo moderno, inaugurado no final do século 19, com a obrigação e o dever de ser vanguardista, de ir à frente de sua época e transformá-la, teve consequências profundas no campo da política. Acabou fomentando a Primeira e a Segunda Grande Guerra, o totalitarismo nazista, na Alemanha, e o comunista, na União Soviética. Gerou obras geniais e perturbadoras nos campos das artes e das ciências e fatos dolorosos na vida social.

RECONSTRUÇÃO Para o professor Malcolm Bradbury, o mundo moderno "(...) reconstruiu completamente a nossa tradição artística, nossas concepções de forma e de linguagem, nossos valores, nossa cultura e nossos estilos – até mesmo a aparência de nossas ruas, de nossas casas e o interior de nós mesmos (...) legou-nos algumas das maiores realizações da literatura e das artes e alguns dos nossos piores pesadelos".

EXPERIMENTAÇÃO Bradbury diz ainda que "(...) estas novas ideias sociológicas e científicas, essas visões racionalistas da natureza e da história, contestavam a velha visão teocêntrica e romântica. Elas inauguravam uma nova era de experimentação em que se aceleravam as descobertas morais e filosóficas, médicas e tecnológicas, enquanto uma nova consciência revolucionária se desenvolvia".

O NOVO E O SINISTRO Malcolm Bradbury fala também que "(...) a Guerra de 1914 trouxe um novo sentido de ruptura. O moderno não era mais uma experiência ousada da consciência e de novas formas de expressão, e sim uma situação nova e sinistra que viria".

1989 Para o filósofo contemporâneo Bruno Latour, o ano de 1989 gerou dois importantes fatos que inauguraram o século 21. De um lado, a queda do muro de Berlim, representando a derrota do socialismo. De outro, a realização das primeiras conferências sobre o estado global do planeta, que sinalizaram o fim do capitalismo e suas esperanças de conquista ilimitada e de dominação total sobre a natureza.

HÍBRIDOS Latour argumenta que a tradicional divisão de tarefas em que a gestão da natureza cabia aos cientistas e a gestão da sociedade aos políticos tem se tornado cada vez mais incapaz de dar conta de fenômenos contemporâneos, como o buraco de ozônio, os embriões congelados e organismos geneticamente modificados. Segundo Bruno Latour, "(...) a tentativa moderna de 'purificação' dos domínios natural e humano fracassou através do seu efeito colateral: a proliferação de híbridos".

TRAMAS Computadores e chips, embriões congelados, florestas em chamas, baleias munidas de colares com rádios sinalizadores multiplicam-se em artigos híbridos que, segundo Latour, "(...) delineiam tramas de ciência, política, economia, direito, religião, técnica e ficção". O professor Bruno Latour diz que "(...) a modernização foi impiedosa para com os pré-modernos, mas o que dizer sobre a pós-modernização, (...) onde nada tem valor, tudo é reflexo, simulacro, símbolos flutuantes".

ESTRANHA Nietzsche tinha razão: "(...) os homens modernos são filhos de uma época fragmentada, pluralista, doente e estranha".